

Deus inspira Bush

29 OUT 2004
CORREIO BRAZILIENSE

P. 19

Não há como fugir de falar sobre eleição. No Brasil e nos Estados Unidos. No Brasil não há como fugir de São Paulo, que afinal ficou sendo a cara da eleição, e onde se misturaram problemas locais da cidade gigante — e gigantes são seus problemas — com a disputa nacional, com conotações que vão do crescimento econômico até Guaribas, onde o Fome Zero não matou a fome de votos do prefeito que perdeu.

A conduta do presidente Lula foi impecável. Cumpriu seu dever de solidariedade com os companheiros, na capa formal das mensagens dos programas eleitorais, sem comprometer sua autoridade e sem permitir que o governo se envolvesse na campanha.

Até hoje não sei porque não se discute a necessidade de segundo turno na eleição de prefeitos e governadores. Particpei da campanha da UDN em favor da maioria absoluta, querendo atingir Juscelino na sua disputa com Juarez Távora, em 1955. O argumento da maioria absoluta era muito forte. O presidente da República representa a soberania nacional. Deve ser o presidente de todos os brasileiros. Portanto necessita, como chefe de Estado, da maioria absoluta dos votos, metade mais um, para investi-lo na autoridade soberana da Nação, o que não aconte-



JOSÉ SARNEY

*Senador do Amapá pelo PMDB,
é presidente do Senado*

cia com as eleições que permitiam eleitos com qualquer votação, um vigésimo, um terço dos votos. O sistema enfraquecia a instituição da presidência e a governabilidade.

O argumento era esse. Agora pergunta-se: por que aplicar essa regra a prefeitos, se eles não exercem qualquer soberania? São meros administradores municipais. E por que, se o argumento for outro, fixar o limite em municípios com mais de 200 mil eleitores? Se é princípio, deveria ser aplicado a todos.

A incorporação desse princípio na Constituição foi de ordem política, para valorizar os partidos de esquerda na escolha das grandes cidades.

Domingo vem aí e vai acabar com essa busca dos institutos de pesquisa, que agora incluíram os parâmetros de votos válidos que, somados às margens de erro, tornam a coisa tão difícil, ou tão fácil, que qualquer resultado das urnas está nas previsões.

Agora a eleição americana. Quem está no Brasil não avalia o que Bush, em busca da

reeleição, fez com os Estados Unidos. Convenceu o povo de que a guerra não é no Iraque, é contra o terrorismo. Ele não fala em Iraque. Só na guerra contra o terror. E mete medo, dizendo que estão ameaçados, que o ataque está chegando, e haja alerta amarelo, vermelho e alarme. Tudo “cesta básica”, destas que se distribuem no Brasil para “conquer” os eleitores.

Todos estão com medo. A América está com medo, pensando nesta guerra invisível que diz estar chegando e só ele, Bush, pode combater. É uma coisa irracional e difícil de acreditar. A América profunda, essa senhora do mundo, isolacionista e sectária, está convencida disso, e quem não acredita é traidor. Daí o cuidado de Kerry — que às vezes parece incoerência — em lidar com essa realidade. Apesar disso, a disputa está empatada.

A coisa está de tal maneira que perguntaram a Bush quem o aconselhava a esse comportamento e um repórter adiantou: “Foi seu pai, o Bush velho”. Bush respondeu: “Não, eu não iria por tão pouco, foi meu Pai, que está no céu. É ele meu orientador”.

Veja o que Bush fez com Deus. Colocou-O nessa tarefa inglória de orientá-lo a matar e torturar os miseráveis iraquianos, mais miseráveis que as cabras que vagam pelo deserto da antiga Babilônia!